

Armando Nascimento Rosa

Lianor no País sem Pilhas

Campo do Teatro



LIANOR NO PAÍS SEM PILHAS

Autor: Armando Nascimento Rosa

Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

*Desenho da capa: "Lianor e Tóli no País das Altas Esferas",
de Leonor Serpa Branco*

Fotografias: João Tuna

© CAMPO DAS LETRAS - Editores, S.A., 2001

Rua D. Manuel II, n.º 33 - 5.º - 4050-345 Porto

Telef.: 226007728 Fax: 226004019

E-mail: campo.lettras@mail.telepac.pt

Site: www.campo-lettras.pt

Impressão: Tipografia do Carvalhido - Porto

1.ª edição: Abril de 2001

Depósito legal n.º 163790/01

ISBN 972-610-368-1

Código de barras: 9789726103684

Colecção: Campo do Teatro - 8

ARMANDO NASCIMENTO ROSA

Lianor no País sem Pilhas

(Peça teatral infanto-juvenil)



Lianor no País sem Pilhas

Lianor no País Sem Pilbas foi estreada a 17 de Outubro de 2000, no Centro Cultural de Belém (sala de ensaio), numa encenação de João Mota, constituindo a 71.^a realização da Comuna – Teatro de Pesquisa uma co-produção entre esta companhia e o Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém; pelo que, após uma curta série de representações agendadas para este último, o espectáculo foi reposto na sala 1 do Teatro da Comuna em 3 de Novembro de 2000.

Elenco por ordem de entrada em cena:

Cigana da Bósnia – Cecília Sousa

Lianor – Isabel Abreu

Cristina – Luciana Ribeiro

Tóli – Miguel Sermão

Anacleto – Hugo Sequeira

*Madame Magra (Gorda)*¹ – Luciana Ribeiro

Guarda-da-Fronteira – Victor Soares

Dragão-de-Bolas – Hugo Sequeira

Arquitonto do Universo – Alexandre Lopes

Esperança – Cecília Sousa

Fatalidade – Victor Soares

Senhor do Tempo – Alexandre Lopes

Encenação e versão cénica – João Mota

Assistência de Encenação – Alfredo Brissos

Cenografia – Renato Godinho

Figurinos – Carlos Paulo

Desenho de Luz – Abílio Apolinário

Direcção Musical – José Pedro Caiado

Máscaras – Renato Godinho/Cecília Sousa

Professor de Corpo – Luca Aprea

¹ Ver Variantes Dramatúrgicas (Nota A)

Personagens

CIGANA DA BÓSNIA – feirante, leitora da sina

LIANOR – menina jovem

CRISTINA – mãe de Lianor

TÓLI – Boneco articulado/garoto africano

ANACLETO – menino, explicando de Cristina

MADAME MAGRA – fada estagiária

GUARDA-DA-FRONTEIRA – funcionária/o de alfândega no País das Altas Esferas

ARQUITONTO DO UNIVERSO – cientista louco

DRAGÃO-DE-BOLAS – assistente do Arquitonto, praticante de artes marciais

ESPERANÇA – eterna grávida, esposa do Tempo

(SENHOR DO) TEMPO – ancião cego

FATALIDADE – filha do Tempo e da Esperança

[A peça está prevista para um número mínimo de sete actores que distribuirão entre si os papéis do seguinte modo, numa numeração segundo a ordem de entrada em cena da primeira personagem de cada intérprete: *Actriz 1* (Cigana da Bósnia/Esperança); *Actriz 2* (Lianor); *Actriz 3* (Cristina/Madamé Magra); *Actor 1* (Tóli); *Actor 2* (Anacleto/Dragão-de-Bolas); *Actriz 4* (ou *Actor 3*) (Guarda-da-Fronteira/Fatalidade); *Actor 3* (ou *Actor 4*) (Arquitonto do Universo/Senhor do Tempo)].

Quadro 1

Sobre um portão colorido de entrada no centro da cena, lê-se Feira do Oculto. Do lado de fora, há uma barraca com quinquilharias e uma cigana que as apregoa. Lianor e a mãe, Cristina, transpõem a porta preparando-se para sair, a contragosto de Lianor.

CIGANA DA BÓSNIA:

(Pregão que se repete, entrecortando a conversa entre mãe e filha) Minhas senhoras, é só escolher na tenda da cigana da Bósnia. Lenços lindos e vistosos, malas em pele de porco, amuletos contra invejas e mau olhado. Pomadas e benzeduras, chás da Índia que dão saúde aos doentes. E ainda uma prenda-mistério a quem me mostrar as mãos com fé para eu ler a sina.

LIANOR:

(Fazendo birra) Não me quero ir embora ainda, mãe. Não vimos sequer metade da feira. Nem me deixaste trazer um daqueles diabretes de plástico fluorescente, que brilham no escuro. Eram tão giros.

CRISTINA:

Oh filha, és tão novinha e já tão viciada em compras. Pareces a tua tia Virgolina. Compra tudo o que vê nas lojas e agora já não cabe em casa com tanta tralha inútil; vê-se obrigada a dormir na garagem, entre latas de óleo e tapetes de borracha.

LIANOR:

Mas os bonecos eram tão engraçadinhos. Tinham umas orelhas bicudas de vampiro. *(Faz o gesto com ambas as mãos)* Assim...

CRISTINA:

Eram horrorosos, Lianor. Se metesses uma coisa daquelas no teu quarto, acordavas logo de noite com suores e pesadelos.

LIANOR:

Mas nós nem visitámos a feira toda. Anda comigo outra vez lá para dentro. Anda! *(Maviosa)* Vá lá mãezinha, eu juro que não te peço pra gastares mais dinheiro! É só para ver as coisas, *(referindo-se ao público)* assim como fazem estes meninos que nos vieram ver a nós.

CRISTINA:

Não sejas impertinente, filha! Precisamos regressar a casa sem demora, que a mãe tem de dar explicação ao Anacleto que tem prova daqui a duas semanas.

LIANOR:

Ora, ora, que espere sentado à porta! Com aquela cabeça de nabo que ele tem deve chumbar com certeza. *(Pra-*

gueja) Deus queira que chumbe com uma nota má!
(*Presta atenção à barraca da cigana*)

CRISTINA:

(*Rispida*) Lianor! Não se deseja mal às pessoas! É isso que te ensinam em casa e que aprendes na escola?

LIANOR:

(*Dando ouvidos à propaganda da cigana*) Por que é que a senhora está do lado de fora da feira?

CIGANA:

Ai, saiba a menina. Cheguei já tarde aqui ao terreiro, não havia espaço para a minha tenda *pobrecita*. Sou refugiada da guerra da Bósnia, à procura do pão para dar aos meus filhos.

CRISTINA:

(*Incrédula*) Para quem veio de longe há tão pouco tempo, não acha que aprendeu demasiado depressa a falar português?

CIGANA:

Ai! Eu sempre tive a cabeça muito certa, senhora, não duvide de mim; tenho tido falta de sorte na desgraceira da vida mas da falta de juízo não posso eu queixar-me. A dona não me quer deixar ver as suas mãozinhas delicadas?

CRISTINA:

Sabe, eu não gosto de conhecer o futuro antes de ele acontecer. Assim perde-se o efeito da surpresa.

LIANOR:

Vá lá, mãezinha, não digas que não! E tens de ter fé que é para podermos receber a prenda-mistério.

CIGANA:

Tem aqui uma filha que é um encanto de alma. Faz-me lembrar a minha Adozinda que ficou na Bósnia com os avós.

CRISTINA:

(Estende-lhe as mãos, pouco convicta) Então conte-me lá o que encontra no mapa das minhas mãos!

CIGANA:

A senhora tem umas mãos de santa, uns dedos hábeis de enfermeira.

CRISTINA:

(Trocista) Eu não sou enfermeira, mas andou lá perto em casa. O meu marido é que é médico.

CIGANA:

(Embaraçada) Pois, enfermeira é uma maneira de falar. O que eu quero é dizer que a senhora tem mãos de quem faz o bem às pessoas.

LIANOR:

Eatê é verdade. *(Para a Cigana)* A mãe dá aulas aos meninos.

CIGANA:

A senhora é professora. Bonita profissão! Ai, vê-se logo aqui ao olhar para a sua linha da cabeça. E o seu marido

agora está no estrangeiro, não é verdade? Em viagem de trabalho...

CRISTINA:

(Surpreendida) As minhas mãos também lhe dizem isso?

LIANOR:

Vês, vês, eu bem te dizia que valia a pena consultares a Cigana da Bósnia. *(Para a Cigana)* A senhora acertou; o papá foi para o Bangladesh, um país da Ásia, durante um mês, como médico da Cruz Vermelha. Eles lá, coitados, têm muita falta de assistência e de medicamentos.

CIGANA:

São assim como eu, menina, uns tristes! *(Observando as mãos de Cristina com minúcia)* Diz-me lá Lianor, tu gostavas de ter um irmãozinho, não era?

LIANOR:

Adorava, não me diga que descobriu um mano para mim aí no dedo gordo da mãe!

CIGANA:

É mesmo! Vais ter um mano, isso te garanto eu!

CRISTINA:

(Desagradada) Não vai, não senhor! Ter outro filho não está nos meus planos, minha amiga. Sofri muito para a Lianor nascer. Não quero passar pelo mesmo.